

190



Gene raro é determinante em tribo com cultura poligâmica

Uma pesquisa mostra que 50% dos índios Karitiana apresentam a proteína sanguínea C5+. O fenômeno está diretamente ligado à prática da poligamia.

Antônio José Soares

Pelo menos 50% dos índios da tribo Karitiana, de Rondônia, apresentam uma proteína sanguínea conhecida como variante C5+ da colinestrerase do soro, determinada por um gene pouco freqüente na maioria das populações humanas (ocorre em apenas 10% das pessoas). O fenômeno foi estudado por geneticistas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e, de acordo com o biólogo e biomédico Gilberto Ferreira de Souza Aguiar, pesquisador assistente da Área de Ecologia e Biologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, está diretamente ligado à prática da poligamia.

Durante suas pesquisas sobre a prática da poligamia nos povos primitivos da Amazônia (O LIBERAL, de 06.12.92), Gilberto Ferreira de Souza Aguiar concluiu que a semelhança física entre os indígenas da região deriva-se dessa cultura, atualmente abrandada pela presença de missionários nas aldeias. A taxa de 50% da variante C5+ entre os Karitiana é considerada uma das mais altas na literatura, o que significa uma intensa prática de

poligamia.

Disseminação

A análise do mapa genealógico (heredograma) da tribo permitiu identificar um indivíduo, já falecido, que numa das primeiras gerações constantes do mapa havia se casado e deixado progênie com sete mulheres. "A tipagem sorológica dessas progênies mostrou que, com grande probabilidade, o elemento poligino portava a variante genética C5+, pois a maioria dos seus descendentes analisados também a apresentavam. Graças a seu excepcional desempenho reprodutivo, acredita-se que o gene raro tenha se disseminado às gerações que o sucederam e aumentaram a freqüência".

Para o pesquisador, entre os Karitiana, mesmo na hipótese de não se dispor de informações genealógicas, as afinidades interindividuais quanto à presença de uma proteína variante de pouca freqüência representaria, isoladamente, fator sugestivo de co-ancestridade biológica. "Não se trata de indicação de baixa variabilidade, já que o fenótipo está presente em cerca de metade da população e ausente na parcela restante. Sua baixa incidência na maioria das populações funciona como importante indicador de identidade genética".

Aguiar explica que se dois indivíduos possuem em comum um certo gene freqüente em várias aldeias ou tribos, não há sugestão de um elevado coeficiente de consaguinidade entre ambos, isto é, que os dois sejam mais correlacionados do que quaisquer outros pares de indivíduos extraídos de duas populações diferentes.

"No entanto, se eles compartilham um gene que se apresenta

com freqüências baixas na maioria das populações, isto significa que, com relativa probabilidade, devem possuir pelo menos um ancestral comum - em tese, não muito remoto - do qual o gene é proveniente". Ele acrescenta que, se num mesmo grupo (como acontece com os Karitiana) vários indivíduos apresentam o gene raro, "somos forçados a julgar que o seu grau de consaguinidade deve ser bem elevado".

Doenças raras

De acordo com Aguiar, em populações de outras etnias e áreas geográficas, situações similares foram registradas quanto a doenças genéticas raras. A explicação para a alta freqüência - cerca de 5% - e variabilidade aumentada, da acromatopsia congênita associada à miopia (afecção autossômica recessiva) entre os nativos das ilhas micronésias Pinguelape e Pronape baseia-se na informação de que a população atual das ilhas (em torno de 2 mil pessoas) desce de poucos indivíduos (cerca de 30) que sobreviveram aos efeitos de um tufão devastador ocorrido no século XVIII, seguido de um período de fome e alta mortalidade na comunidade nativa daquela época.

Um dos sobreviventes, acrescenta o pesquisador, que acredita-se ter sido heterozigoto para o gene raro, deixou um número de descendentes muito acima da média, determinando o aumento na freqüência desse gene e o nascimento de indivíduos homozigotos (afetados pela anomalia) após somente cinco gerações.

"Julga-se que o processo parecido tenha ocorrido em relação ao albinismo na ilha de Lençóis (Maranhão), onde é elevada a incidência dessa doença genética".